

# GEORGES HÉBERT E O MÉTODO NATURAL: NOVA SENSIBILIDADE, NOVA EDUCAÇÃO DO CORPO

Dr<sup>a</sup>. CARMEN LÚCIA SOARES

Faculdade de Educação da Unicamp

E-mail: carmenls@unicamp.br

## RESUMO

*Este trabalho tem como propósito estabelecer uma primeira aproximação com a obra de Georges Hébert, oficial da marinha francesa que, na primeira metade do século XX, elaborou um conjunto de procedimentos para exercitar o corpo, o qual denominou "Método Natural". Suas idéias centrais, tais como o retorno à natureza, a importância do sol, das atividades ao ar livre, da nudez "controlada", assim como a crítica à especialização esportiva, constituem um significativo conjunto de idéias sobre a educação do corpo e tocam, de maneira sutil, sensibilidades do presente.*

*PALAVRAS-CHAVE: História do corpo; corpo e natureza; história da ginástica; naturismo.*

O historiador Marc Bloch nos ensina que, verdadeiramente, de uma forma consciente ou não, são as nossas experiências cotidianas que, em última análise, “vamos buscar, dando-lhes, onde for necessário, os matizes de novas tintas, os elementos que nos servem para a reconstituição do passado” (Bloch, s.d., p. 43), um tempo que não retorna intocado, pelo contrário, retorna reconstruído pelo presente por dados e atos de conhecimento possíveis. Expectativas, desejos, responsabilidades, grandezas e misérias vividas no presente impulsionam-nos e permitem-nos constituir o caminho, amalgamado de experiência, que será seguido em nossas incursões sobre um tempo que não se viveu, mas que retornará a partir de escolhas, pois como nos ensina Lucien Febvre, “toda a história é escolha. É-o, até devido ao acaso que aqui destruiu e ali salvou os vestígios do passado” (Febvre, 1989).

Vestígios que nos desafiam a captar a sensibilidade de um tempo que não é mais o nosso e que com freqüência somos incapazes de compreender; que nos permitem perceber que, embora existam permanências, a sua compreensão adquire outros contornos dados pelo tempo em que foram forjados certos fenômenos que permanecem e o tempo vivido por quem escreve a história. E é assim que todo ato humano, aparentemente banal e singelo, vincula-se a uma rede de outras ações de indivíduos, grupos e classes, revelando que nada existe à margem de uma consciência, de uma moral pública, conforme nos ensina Philippe Ariès (1989, p. 17). A escrita das várias histórias permite, então, compreender as múltiplas motivações e interesses das ações humanas no tempo, “este elemento misterioso” de que nos fala Thomas Mann (Mann, s.d., p. 5), assim como a tarefa do narrador, esse “mago que invoca o pretérito” (Mann, s.d., p. 5). É ele que dará sentido ao fluxo de ações humanas delimitado temporalmente e cuja densidade quase sempre escorre pelas margens estabelecidas, pelo antes e depois do que se quer contar.

Os sentimentos aparentemente perenes, os desejos *típicos* de uma época, não o são mais em outra; os usos de determinados objetos, de alimentos, de roupas, e os costumes mudam e interferem no modo como mulheres e homens vivem suas vidas singulares em meio ao universal humano que os constitui.

Uma das tarefas mais difíceis para quem deseja construir narrativas, contar o passado, é reunir os documentos (escritos ou não), as “fontes”, que julga serem necessárias para sua empreitada, além, é claro, de uma compreensão do “terreno a explorar”. Essa compreensão permite tomar os documentos, sejam eles de que natureza forem, não como elementos mágicos surgidos em lugares também mágicos, mas, sim, perceber que

sua presença ou ausência, em determinado fundo de arquivo, em determinada biblioteca, em determinado terreno, dependem de causas humanas que de maneira alguma escapam à análise, e os problemas que sua transmissão levanta, longe de se encontrarem somente ao alcance de exercícios de técnicos, respeitam, eles mesmos, ao mais íntimo da vida do passado, porque aquilo que se encontra afinal em jogo não é nem mais nem menos do que a passagem da memória das coisas através de gerações (Bloch, s.d., p. 66).

É com base nessa compreensão da história que este artigo foi escrito, tendo como propósito rememorar um autor pouco tratado pela historiografia da educação física brasileira. Trata-se de uma primeira aproximação com a obra de Georges Hébert<sup>1</sup> (1875-1957), oficial da marinha francesa e criador do chamado Método Natural. As fontes utilizadas são seus principais livros<sup>2</sup> disponíveis no Brasil, revistas que dirigiu e nas quais publicou artigos, assim como trabalhos elaborados por estudiosos de sua obra na França<sup>3</sup>. É possível, com efeito, encontrar nesse conjunto de documentos reunidos uma pequena parte de sua obra, vestígios de um pensamento que buscou, com precisão, elaborar saberes e práticas voltados a um projeto de educação do corpo que teve, como princípio norteador, a indicação de um retorno racional à natureza.

## OUTRA SENSIBILIDADE, OUTRA EDUCAÇÃO DO CORPO: UM IMAGINÁRIO DE GEORGES HÉBERT

A devoção perante a paisagem natural marca uma lenta, porém, profunda mudança de sensibilidade no mundo europeu, e que é percebida, mais acentuada-

1. Nasceu em Paris em 1875 e morreu em Deauville em 1957. Formou-se em "matemáticas especiais" e aos 18 anos ingressou na Escola Naval. Ver a respeito Bui-Xuân, Gleyse (2001).
2. Ver Georges Hébert. Foram também consultados 14 números do periódico intitulado *L'Education Physique, Revue Scientifique et Critique*, cujo primeiro número data de janeiro de 1927, do qual foi presidente do comitê de redação e para o qual escreveu inúmeros artigos e editoriais; da *Revista Educação Física*, editada no Brasil entre os anos de 1932 a 1945, foram consultados 44 exemplares dos 86 existentes e encontrados 5 artigos escritos por Georges Hébert, publicados na França e traduzidos em parte para esse periódico entre os anos de 1941, 1942 e 1943. Parte significativa da obra de Georges Hébert pode ser encontrada no Centro de Memória do Esporte (Ceme), da Esef/UFRGS, coordenado pela professora doutora Silvana Goellner, a quem agradeço a inestimável colaboração para a realização desta pesquisa em curso. Agradeço, ainda, a especial ajuda e atenção do professor Alex Branco Fraga, da mesma universidade, tanto na leitura e crítica do presente texto, quanto, mesmo à distância, no envio de cópias da obra de Hébert.
3. Fundamental na compreensão global do pensamento de Hébert foi Jean-Michel Delaplace (ver Delaplace, 2000, exemplar que me foi gentilmente doado pelo autor) ver também *Spirales: autour de l'homme et de l'oeuvre*, n. 9, Centre de recherche et d'innovation sur le sport, Université Lyon 1, 1995. Esse número da revista *Spirales* foi consagrado a Georges Hébert e dirigido por Thierry Terret,

mente, em fins do século XVIII. O apreço pela natureza, particularmente pela natureza selvagem, converte-se numa espécie de ato semi-religioso nessa parte do Ocidente que exaure, por todos os meios, o ambiente “natural”, ação que se baseia em elaborados preceitos científicos, como por exemplo aqueles formulados por Bacon (1973)<sup>4</sup>, para quem deve existir um domínio absoluto do homem sobre a natureza, domínio que deve ser conduzido e informado pela ciência. A natureza deve ser torturada para que revele tudo o que esconde, é necessário arrancar os segredos de seus labirintos. Ardilosa, exige uma obediência do homem para ser vencida<sup>5</sup>. O propósito de se estudar o mundo natural, portanto, deveria se resumir no fato de que a “[...] natureza, desde que conhecida, será dominada, gerida e utilizada a serviço da vida humana” (Thomas, 1988, p. 32).

O final do século XVIII marca, de um modo mais acentuado, uma mudança de sensibilidade no que concerne à natureza. O domínio absoluto e violento do homem sobre o mundo natural lentamente cede espaço para outras compreensões e atitudes e uma devoção semi-religiosa perante a natureza selvagem instala-se, sobretudo, entre aqueles que não dependem ou não necessitam da terra para prover suas necessidades mais imediatas. Firma-se uma compreensão na qual a natureza é bela mas, sobretudo, benéfica, e exerce um saudável poder espiritual sobre o homem (idem, p. 313). É Rousseau (cf. Rousseau, 1976) um dos profetas mais destacados dessa compreensão de natureza que perpassa civilizações e que a define como um lugar “sagrado”, propondo assim outras interações dos humanos entre si e no ambiente natural. Até mesmo o risco que se corre ao adentrar florestas, subir montanhas, nadar em rios é parte dessa nova compreensão, que implica não extrair apenas alimento, mas também cura, bem-estar e divertimento desse mundo natural inóspito e selvagem (Thomas, 1988, p. 310).

Em um certo sentido, o que fará Georges Hébert no início do século XX é uma apropriação seletiva e oportuna desse conjunto de idéias presente num imaginário europeu referente a uma compreensão de natureza provedora e curativa. Em sua trajetória pública no início do século XX, Hébert é também aquele que se

---

professor da Universidade de Lyon I (Staps). Ver também as obras de M. Michèle Métoudi e Georges Vigarello (1980) e Bui-Xuân e Gleyse (2001).

4. Ver principalmente Bacon (1973); para uma discussão sobre as relações entre natureza e corpo, consultar o excelente trabalho de Silva (2001).
5. Bacon (1973) afirma, no aforismo III, que “ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois a natureza não se vence, senão quando se lhe obedece. E o que à contemplação apresenta-se como causa é a regra na prática” (p. 19). Agradeço aqui o pronto auxílio da professora doutora Ana Márcia Silva, da UFSC, com relação à indicação bibliográfica acerca da filosofia de Francis Bacon no que se refere às análises sobre a natureza.

aproxima de movimentos naturistas numa França que, até 1914, tem médicos e especialistas dominando o campo desses movimentos e cujo interesse repousa em compreender a problemática da saúde por meio de elementos naturais (climatologia, helioterapia, hidroterapia etc). Muitas terapêuticas são definidas e aplicadas com os elementos da natureza, mas “[...] O exercício físico é, mais seguidamente, o grande ausente destes trabalhos [...]. É em um contexto onde as práticas naturistas são bastante medicalizadas e as teorias muito empíricas e prudentes que Hébert aborda a questão dos banhos atmosféricos” (Delaplace, 2000, p. 71-72).

Suas idéias e seu projeto de elaborar uma educação do corpo forjam-se nessa aproximação entre idéias rousseauianas e semi-religiosas de fins do século XVIII, no que diz respeito à natureza, às terapias curativas naturistas e ao escotismo, matizados por sua formação religiosa de cunho cristão, que reforçará o tom altruísta presente em sua obra.

## O MÉTODO NATURAL

O Método Natural é, por conseguinte, a codificação, a adaptação e a gradação dos procedimentos e meios empregados pelos seres vivos em estado de natureza para adquirir seu desenvolvimento integral. [...] nenhuma cultura física dita científica, fisiológica ou outra, jamais produziu seres fisicamente superiores em beleza, saúde e força a certos habitantes naturais de todas as regiões do mundo: indígenas de todos os climas, negros da África, indígenas da Oceania etc. (Hébert, 1941a, p. 6, t. I).

Suas lembranças e observações de viagem desenham um ideal de beleza, saúde e força, numa nítida idealização da vida em locais ainda não alcançados pela “civilização européia”. Hébert é um tenente da marinha francesa e em suas viagens, em navios à vela, tem a oportunidade de conhecer o mundo no começo do século XX. Sua observação rigorosa e seu olhar atento e curioso repousam sobre os seres humanos que vivem nessas terras distantes, geralmente colônias francesas, e detêm-se sobre a sua morfologia e sua gestualidade. Para ele, esses homens, mulheres e crianças que vê são “selvagens” ou “primitivos”, e ele encanta-se com a beleza<sup>6</sup>, a força, a resistência e a agilidade corporais que possuem e expressam esses seres; julga seus gestos perfeitos, interessa-se pela sua forma de vida simples, pelos costumes e pelas qualidades viris e habilidades físicas que observa. É dessas observações que surgirá sua obra, cujo início se deu no ano de 1905<sup>7</sup>, quando recebe a

---

6. Uma análise mais apurada sobre o tema da beleza selvagem na obra de Hébert foi feita por Gilbert Andrieu (1995, p. 31-38).

7. É consensual entre aqueles que escrevem acerca da história dos métodos ginásticos europeus a

incumbência de desenvolver e aplicar um programa de ensino de exercícios físicos na Escola de Fuzileiros Navais de Lorient, sessão que contava, na época, com 1.200 homens. O programa que concebe e aplica nesses soldados já comporta as características básicas do que mais tarde se reconhecera como o Método Natural. Encontram-se nesse programa características naturistas: resistência corporal ao frio, endurecimento, utilização do meio natural como terreno de exercício, exercícios utilitários, nudez controlada. Todo o trabalho toma por base a utilidade das ações e representa um retorno à natureza adaptado à vida urbana moderna e concernente às atividades práticas da vida em sociedade (Hébert, 1941a, p. 6). Seu projeto ancora-se numa concepção de natureza que perpassa civilizações: formadora, generosa, fonte inesgotável de virtudes. Sua inspiração mais evidente sem dúvida foi Rousseau, com suas proposições e defesas de um retorno à natureza, da importância do ar livre e puro encontrado no campo e nas montanhas, dos exercícios corporais em pleno ar e sol, dos banhos frios (ver, por exemplo, Courbin, 1989, p. 69-200), da frugalidade alimentar, da negação aos “excessos de conforto”<sup>8</sup>, da utilização das roupas largas, da negação e do abandono de tudo o que é artificial, da negação do ócio (ver, por exemplo, Rousseau, 1992) e dos “prazeres passivos ou artificiais (que) não deixam mais que o tédio e precipitam a destruição da saúde” (Hébert, 1943).

As idéias de Rousseau são também utilizadas para afirmar sua contrariedade aos excessos do corpo vividos por atletas e por aqueles que ganham a vida em exhibições corporais de força e destreza, como os acrobatas, dançarinos de corda e equilibristas de circo. Para ele não é adequado nem prudente o culto do músculo, uma vez que isso não trará nenhuma utilidade ou benefício para o indivíduo e a sociedade<sup>9</sup>. É, portanto, um desejo de responder às necessidades da vida prática que o impulsiona em sua trajetória ao encontro dos ensinamentos da natureza. Assim, a partir de uma acurada observação de todas as formas de atividades que fazem

---

afirmação de que o ano de 1905 marca as primeiras proposições de Georges Hébert no que se refere aos indícios do que viria a se constituir no chamado Método Natural. Ver a respeito Cambier (1930, p. 437-489); Langlade; Langlade (1986); Lamy (1996, p. 263-266); Pereira (s.d.); Bui-Xuân e Gleyse (2001); Delaplace (2000), entre outros.

8. Georges Hébert (1941a, p. 4) afirma que o excesso de conforto encoraja a preguiça física e concorre para um amolecimento geral da energia.
9. Ver por exemplo Georges Hébert. Os perigos físicos do esporte: erros e preconceitos concernentes à especialização. *Educação Física*, v. 58, p. 10-11, 61-63, 1941d; Os perigos sociais do esporte. *Educação Física*, v. 57, p. 10-11, 66-67, 1941b. Esses “artigos” são, na verdade, os capítulos V e VI do livro escrito por Georges Hébert intitulado *Le Sport contre l'Éducation Physique*. Paris: Vuibert, 1946 (4. ed.) p. 69-87 e p. 89-107. Em ambos os casos não há qualquer alusão ao livro referido na *Revista*.

parte da educação natural do “primitivo”, Hébert deduz uma série de 10 grupos de exercícios: 1- marcha; 2- corrida; 3- salto; 4- quadrupedia; 5- trepar; 6- equilíbrio; 7- lançamentos; 8- transporte; 9- defesa; 10- natação. Para ele, esses 10 gêneros de exercícios, ou “atos naturais”, podem ser utilizados em sua forma simples, ou seja, a execução deles mesmos ou, então, em combinações variadas entre si, acrescidas de atividades ligadas à vida prática e aos divertimentos (Hébert, 1941a, p. 10).

Sua compreensão é simples e clara: tanto para o “primitivo” quanto para o civilizado, o aperfeiçoamento físico traduz-se pela saúde, robustez e, mais amplamente, por uma harmonia geral das formas, uma beleza plástica (Andrieu, 1995). Para obter esse resultado, há apenas um meio: “produzir uma soma adequada de trabalho praticando ao ar livre e em estado mais ou menos próximo da nudez, os exercícios naturais e utilitários. [...] Trata-se de aplicar o necessário, executando pela razão e metodicamente aquilo que os seres livres da criação, humanos ou animais, realizam pelo instinto e pela imperiosa necessidade” (Hébert, 1941a, p. 10-13).

As imagens fotográficas que trouxe de suas inúmeras viagens, especialmente a territórios africanos de domínio francês, e que integram suas publicações, são reveladoras tanto de uma idealização da vida “selvagem” quanto de quadros de enunciação de constatações. Reforçam o percurso do olhar e objetivam a possibilidade da categorização das práticas corporais consideradas no interior de suas idéias como indispensáveis aos “civilizados”. Nesse percurso registrado na fotografia, encontram-se tanto “[...] efigies petrificadas, tal qual estátuas antigas impondo seus contornos, (quanto) cenas imóveis diante de um objetivo, sugerindo daí exercícios e técnicas” (Métoudi; Vigarello, 1980, p. 20).

As suas fotografias de viagem guardam uma memória de virilidade que ele deseja recriar nos indivíduos urbanos; são testemunhos de uma vitalidade, força e resistência notáveis. Silhuetas esguias e bem desenhadas, com uma musculatura visível, sem exagero, formada pela ação diária, contínua, e cuja pele queimada pelo sol empresta o traço final de bem-estar pleno. Hébert compara esses corpos ágeis, vigorosos e lindamente desenhados, tão harmônicos e bem adaptados às suas tarefas cotidianas, com os corpos urbanos, em sua visão frágeis e inativos, carentes de vitalidade, desarmônicos, amolecidos, permitindo assim esboçar uma idéia-chave em seu método, qual seja, a de que uma observação atenta da vida cotidiana dos “selvagens” ou “primitivos” que permite categorizar gestos que seriam indispensáveis aos civilizados. Desse modo, o regresso à natureza, que preconiza em seu método, fornece finalidades bem precisas à educação física: desenvolver a resistência, a aptidão completa e a utilidade das ações. Gestos úteis e próprios à natureza constituem, assim, um princípio doutrinário básico do Método Natural, que estabelece, ainda, a necessidade da ação metódica e contínua por toda a vida.

O que Hébert deseja é aumentar as resistências orgânicas, realçar as aptidões para a execução de exercícios naturais e utilitários (os seus 10 grupos) e, sobretudo, desenvolver a energia, a qualidade de ação, a virilidade, para então subordinar esse conjunto de qualidades físicas bem treinadas a uma moral altruísta, física, inclusive. “O primeiro sentimento do homem foi o da sua existência, o seu primeiro cuidado o da sua conservação” (Rousseau, 1976, p. 54), sublinha Rousseau. É nítida aqui a inspiração de Hébert quando afirma ser o homem possuidor de deveres físicos<sup>10</sup>, os quais devem contribuir para a constituição de uma moralidade física e cuja fórmula é bastante simples: “[...] desenvolver-se e conservar-se; [...] em se desenvolvendo, torna-se forte, em se conservando forte, possui a energia e o entusiasmo e desfruta de uma perfeita saúde. Ele é robusto, resistente e apto a fazer face a todas as dificuldades materiais da vida” (Hébert, 1918a, p. 11).

Para Hébert, a finalidade da educação física resume-se a “fazer seres fortes”, que são aqueles aperfeiçoados fisicamente de forma completa e útil e não os especialistas em um só gênero de exercício, ou ainda aqueles cujas proezas acrobáticas assombram grandes ou pequenas platéias. Hébert é um crítico de toda especialização, incluindo a especialização esportiva. Para ele, “somente a educação física completa, baseada sobre a prática de exercícios naturais e utilitários, garante um perfeito desenvolvimento, um retorno ao tipo forte e belo que foi aquele de nossos antigos habitantes conforme a natureza” (Hébert, 1918a, p. 27).

Em sua concepção, o esporte praticado no início do século XX não contribuiu com a educação do indivíduo e da sociedade, sendo seus efeitos nocivos. Os excessos esportivos são por ele considerados abomináveis, e seria necessário enquadrar o esporte pedagogicamente, para que viesse a se tornar sadio e adequado à educação da juventude, “desde sua origem, a fórmula esportiva mostra-se falsa moralmente, fisicamente e pedagogicamente” (Hébert, 1927a, p. 4).

Crítico ferrenho da concepção de esporte predominante na época em que viveu, Hébert chama os Jogos Olímpicos de “feira de músculos” (Hébert, 1928b, p. 165), afirmando serem eles apenas mais um concurso colocado pelas federações esportivas, mais um lugar onde surgirá algum recordista, algum especialista em um só gênero de exercício<sup>11</sup>. Essa concepção esportiva

---

10. Este é um tema recorrente na obra de Hébert e pode ser encontrado em seu livro *Culture Viril*, de 1918, cujos trechos foram traduzidos e publicados no Brasil com o título *Os deveres físicos gerais do homem*, *Revista Educação Física*, v. 76, p. 27-28. Note-se que a revista não faz qualquer alusão ao livro, publicado muito antes.

11. Ver por exemplo o artigo *Le néant des jeux olympiques* (1928b, p. 164), no qual Hébert faz referência a estatísticas alarmantes em relação a degenerescência física da juventude.



não serve ao interesse geral, que consiste, antes de tudo, em formar homens desenvolvidos de uma maneira completa e útil, e não especialistas frágeis e deformados. Ela é individualista e egoísta no sentido de que sacrifica a massa para agir sobre o indivíduo; enfim, ela é quase imoral, socialmente falando; a especialização esportiva estimula freqüentemente, por meio do trabalho espetacular contínuo, os jovens a venderem seus músculos (Hébert, 1928b, p. 245).

Hébert deseja tocar a massa, atingir a todos, e o Método Natural comporta em suas proposições essa pretensão, apresentando-se como um alfabeto muito simples que decodificou as forças físicas e as tornou acessíveis e conformes a atitudes altruístas que passam civilizações.

## OS MESTRES DE HÉBERT: A NATUREZA, AMOROS E DEMENY

### A natureza

Hébert incorpora, com muita propriedade, idéias terapêuticas quase míticas das propriedades curativas da natureza, abrindo espaço aos exercícios físicos, pouco freqüentes ainda no conjunto de procedimentos terapêuticos que tomam por base elementos naturais, nas primeiras décadas do século XX (Delaplace, 2000, p. 71).

A importância do ar em terapias curativas desenvolvidas ao longo de todo o século XIX é visivelmente incorporada por Hébert, que se mostra sensível às renovações tanto terapêuticas quanto pedagógicas, ou, mais especificamente, é um naturismo pedagógico que alimenta as suas idéias e propostas. O vento das montanhas torna o ar limpo, perfeito para passeios, piqueniques, assim como para a instalação de sanatórios (Rauch, 1995, p. 83-117)<sup>12</sup>. A natureza é mais pródiga tanto para as curas quanto para os divertimentos que, deliberadamente, afastam-se das cidades (Métoudi; Vigarello, 1980, p. 21).

Os jogos, os cantos, os banhos de ar, ou *banhos atmosféricos*, e de sol tornam perceptível o lugar da natureza nesse projeto de educação do corpo do habitante da cidade. Conforme afirma Delaplace, o Método Natural repousa sobre uma recomposição de elementos arquetípicos como a água, o ar e o sol, promo-

---

12. Conforme sublinha Delaplace (2000), é conhecido o grande movimento que se instala na Europa em favor de uma vida ao ar livre, do ar puro como um meio de luta contra a tuberculose; os médicos e o poder público se mobilizam desde fins do século XIX em torno desse tema e parte desses médicos alerta a sociedade, sobretudo os poderes públicos, sobre a necessidade de reformar internatos, de revisar a salubridade dos locais escolares, de equilibrar estudos e exercícios corporais, entre outras medidas. Ver especialmente p. 75-78. Thomas Mann, em seu romance *Montanha mágica*, escrito em 1924, oferece uma magnífica narrativa literária em torno desse ideário dos "sanatoria".

vendo e afirmando um trabalho ao ar livre. Aqui se encontra uma sintonia bastante estreita entre um ideário das escolas novas, em que se pregava a vida no campo e os benefícios trazidos pela abundância dos elementos da natureza como o ar, a água, a luz do sol, e as propostas de Hébert. O equilíbrio perfeito do corpo como suporte do equilíbrio e da saúde do espírito, aliado à busca do mérito pessoal, da educação à iniciativa e ao *self-governement* (Delaplace, 2000, p. 79), atestam uma visão da natureza como parceira, lugar de cura, aprendizado constante e divertimento; pode-se extrair prazer desse contato.

Hébert afirma que o “[...] Método Natural de educação física é um retorno à natureza racionalizada e adaptada às condições da vida social atual. Neste método o princípio da sessão de trabalho cotidiano consiste precisamente em restabelecer, durante um tempo determinado, as condições da vida natural” (Hébert, 1911, p. XVII-XVIII). Essa definição que dá ao método assinala uma compreensão não só utilitária, mas, sobretudo, conforme às idéias educacionais de uma França que joga, ainda com muita força, o jogo colonial.

O fascínio pela natureza selvagem e pela aventura é parte de uma educação do corpo que deve preparar o indivíduo para enfrentar e adaptar-se ao mundo desconhecido, inóspito e perigoso que se estende no horizonte das colônias. E o utilitarismo ali necessário é perfeitamente assimilado e difundido por Hébert. Mas o utilitarismo é também uma característica central do escotismo, um movimento que, na França, marca profundamente a sua obra (Delaplace, 2000, p. 79-82), que partilha a crítica esboçada com força acerca dos perigos do excesso de civilização urbana que estaria produzindo uma fragilização e uma diminuição da força de vontade e da iniciativa entre os jovens. Qual a solução para enfrentar essa visível depauperação da juventude? Delaplace analisa as idéias de Baden-Powel, que é quem indicará a solução para esse problema pungente e que alimenta o Método Natural de Hébert: “[...] o meio de refazer nossas energias enfraquecidas, nos é ensinado em uma maravilhosa escola, nos postos avançados de nossas colônias: ‘escola de vida selvagem’. Lá se é obrigado, de bom ou mal grado, a ser um homem e não um carneiro, ganha-se o caminho passo a passo sobre a natureza inimiga” (Vuibert apud Delaplace, 2000, p. 80).

O escotismo é, pois, “[...] a imitação, nos países civilizados, da vida e dos procedimentos dos ‘frontièresmen’ nos países selvagens” (Vuibert apud Delaplace, 2000, p. 80). Um dos elementos centrais na educação do escoteiro é, sem dúvida, o altruísmo, e o é, também, no Método Natural<sup>13</sup>. “Estar sempre pronto”; “ser

---

13. O altruísmo é característico dos movimentos ginásticos europeus que se estruturam ao longo do século XIX. Na França vamos encontrar esse traço marcante na obra de seus fundadores, como Amoros e Demeny.

forte para ser útil”; “sejamos fortes! os fracos são os inúteis ou os covardes”<sup>14</sup> são frases imperativas empregadas por Hébert em sua obra, na qual a natureza se apresenta como o lugar ideal para treinar essa força altruísta, na medida em que ela permite viver pequenos triunfos cotidianos, conquistas simples que ensinam a dominar a si e ao meio inóspito com alegria e bem-estar. Conforme assinala Delaplace, “[...] torna-se fácil compreender as origens da construção do mito da natureza selvagem na obra de Hébert. A natureza selvagem está na moda, ela oferece uma alternativa atraente à formação completa do cidadão, qualquer que seja sua idade e seu sexo e ela responde às novas exigências médicas de saúde”(Delaplace, 2000, p. 82).

Em um certo sentido, pode-se inferir que Hébert joga, com sutileza, o delicado jogo de um retorno a arcaísmos em que evoca a intuição, o abandono às leis da natureza, a imitação de uma gestualidade “natural” do “selvagem”, considerada perfeita, porém, o faz sem deixar de estar seduzido pelas normas do presente que vive. Não seriam suas propostas deduções analíticas da vida “selvagem”? A natureza não teria sido, ela mesma, penetrada pela quantificação, pelas medidas, pela duração dos exercícios e seus resultados? Vejamos o que indica Hébert em uma de suas obras acerca de seu método:

1º. Produção diária em um tempo determinado de uma soma suficiente de trabalho ou de esforços tendo como objetivo adquirir resistência. 2º. Prática metódica de exercícios utilitários indispensáveis, indicando a cada um o grau de importância que possui. 3º. Resistência do organismo ao frio, ao calor, ao sol e às intempéries pelo trabalho ao ar livre, o corpo nu e aproximando-se de um estado de rudeza adquirido por hábitos de vida frugais, sóbrios e simples, tendo por finalidade aumentar o valor da resistência geral. 4º. Colocar em jogo as qualidades de ação ou viris: energia, coragem, vontade, sangue frio [...] <sup>15</sup>.

Esses podem ser, talvez, indícios que permitem pensar num enraizamento bem situado de Hébert no “ar dos tempos” da sociedade ocidental (Métoudi; Vigarelo, 1980, p. 28). Hébert assimila, de certo modo, os limites da referência antropológica ao selvagem e introduz, com exatidão, a nuance de um retorno racional à natureza, adaptado à realidade da vida social. Essas referências valorizam o corpo “primitivo”, a força do “selvagem” que, ao longo do século XIX, recebeu um tratamento estigmatizante, sendo visto como pertencente a “raças inferiores”. Como sublinha Delaplace, “este aparente paradoxo é, com efeito, uma hábil montagem (consciente?) que combina a fascinação pela potência misteriosa das populações

14. Essa última é uma epígrafe de seu livro publicado em 1918, *Culture Viril*, Abertura.

15. Georges Hébert (1911, p. XVI). Ver também Delaplace (2000), especialmente p. 100.

exóticas com uma proposição de processos de apropriação de suas forças (ocultas) pela imitação de suas condições de existência” (Delaplace, 2000, p.100).

O mito de um retorno a valores fundamentais pelo retorno às origens e da existência de uma natureza regeneradora, como aqui já se afirmou, é um tema filosófico e religioso que perpassa civilizações, podendo ser encontrado desde a antiguidade. Na longa duração, essas idéias são constantemente retomadas e marcadas pelos conhecimentos esboçados nos campos da filosofia e da ciência que, paulatinamente, se separam. São marcadas também pelas sensibilidades que se modificam com os novos “ares urbanos”, completamente afirmados no ocidente europeu do período.

### Amoros e Demeny – convergências e herança na obra de Hébert

Certas imagens e idéias do passado permanecem vivas na obra de Hébert e o constituem. Ao lado da natureza, ele reconhece em Amoros (1770-1848) e Demeny (1850-1917) seus verdadeiros mestres. Nesses autores surge, muito claramente, um direcionamento das ações da vida diária para atividades úteis (Gouldner, 1979, p. 67) e elevadas: o trabalho, a guerra, as boas ações, e não o entretenimento vago que dispersa e dispende energias físicas e morais. O eixo comum encontrado, de contrariedade em relação ao entretenimento, refere-se ao funambulismo, ao circo, aos excessos do corpo vividos tanto por artistas quanto por atletas. Tal qual Amoros, Hébert crê que “[...] seu método termina onde começa o funambulismo, e este começa onde cessa a utilidade de um exercício, ou o nobre objetivo da ginástica que é fazer o bem e não apenas satisfazer o frívolo prazer de agradar platéias” (Hébert, 1918a e 1946); aqui encontramos Hébert, leitor de Amoros, que o cita em um de seus trabalhos mais importantes.

Para Hébert, tal qual para Amoros, a força deve ter um caráter útil, constituir um meio para melhor realizar os deveres do homem e do cidadão e, assim, melhor servir ao país, idéias que são, sobretudo, de ordem moral (Bui-Xuân; Gleyse, 2001, p. 182). Se para Hébert o “objetivo final da educação física é fazer seres fortes” (Hébert, 1941a, p. 18), é essa força moral e altruísta que movimenta seu projeto, uma força que “[...] reside não somente nos músculos, na capacidade respiratória, na destreza [...] mas antes de tudo na energia que utiliza, na vontade que a dirige ou no sentimento que a guia”<sup>16</sup>.

É uma educação física sistematizada, praticada em pleno ar, em qualquer estação do ano, que concorrerá para criar essa força física e moral. E aqui cabe

---

16. Ver Hébert (1941a, p. 20; 1911), cujo fio condutor de sua reflexão é exatamente a problemática da compreensão da força e seu emprego útil.

rememorar parte da abrangente definição de ginástica elaborada por Amoros, em que se encontra a afirmação de ser ela “a ciência fundamentada de nossos movimentos [...] e que nos dispõem a resistir a todas as intempéries das estações, a todas as variações climáticas. [...] A beneficência e a utilidade pública são o objetivo principal da ginástica; [...] a saúde humana, o aumento da força e da riqueza individual e pública são seus resultados positivos” (Amoros, 1838, p. 1). As idéias de Amoros revelam-se como permanências na elaboração lenta dos discursos especializados sobre a educação física, termo fervorosamente defendido por Hébert para referir-se ao conjunto de procedimentos específicos destinados a uma educação do corpo, quer na escola, quer na sociedade em geral<sup>17</sup>.

A herança de Amoros, militar como Hébert, parece mais fácil de ser identificada, mais visível em suas linhas gerais e definições. Já a herança de Demeny apresenta tanto traços comuns, quanto inúmeras divergências. Poderíamos afirmar que ambos procuram aparar arestas e diminuir distâncias para “tocar a massa”, conforme Hébert, ou para “atingir a todos”, conforme Demeny, “[...] aos fracos sobretudo. [...] A educação física não é o atletismo, não é a busca da força pela força” (Demeny, 1931, p. 1-2).

Demeny estabelece aqui um diálogo profícuo com Hébert, para quem “[...] A cultura do corpo pelo corpo, ou pela dominação por meio da força bruta, jamais produziu o belo, o bom ou o educado; ela traz sempre, hoje como ontem, os piores excessos morais e sociais” (Hébert, 1941a, p. 15).

Por outro lado, encontram-se em suas obras divergências, sem, contudo, perceber-se rupturas. A natureza, por exemplo, para Hébert, é fonte, valor ativo, e é suficiente estar em contato com ela, abandonar-se ao instinto e à intuição (Métoudi e Vigarello, 1980, p. 21), executando as séries de exercícios propostos para auferir seus benefícios. Hébert é um homem da “prática” e, num certo sentido, rejeita o refinamento intelectual de Demeny, com suas idéias sempre fundamentadas e comprovadas pela experimentação e conduzidas pelo método científico (Demeny, 1931, p. 21-22). Hébert diria que a “natureza”, para Demeny, é muito “científica e um pouco complicada” (Bui-Xuân; Gleyse, 2001, p. 10). Para ele, ela é um valor ativo, e não o lugar da experiência ou, muito menos, o lugar de uma verificação objetiva. “Ela fala: é suficiente abandonar-se ao instinto e à intuição [...] Imitação do selvagem, instinto e intuição tornam-se as chaves de toda conceitualização deste método: Hébert é um apologista da anticiência (Métoudi; Vigarello, 1980, p. 21)” ; portanto, nesse aspecto, distancia-se de Demeny.

---

17. Ver, por exemplo, Bui-Xuân e Jacques Gleyse, 2001, especialmente p. 9-17 e Hébert, 1941c e 1942.

O Método Natural é antes de tudo fundado sobre regras simples da lei natural, e Hébert recusa-se a pensar a educação física “[...]” como um problema complicado de biologia. A natureza, com efeito, não condenou o homem a permanecer fraco. Ela, ao contrário, o impulsiona a desenvolver-se, sugerindo-lhe o que deve fazer, por assim dizer, por instinto” (Hébert, 1911, p. XI). Lembremos aqui o que diz Rousseau: “O exemplo dos selvagens que se têm encontrado [...]” parece confirmar que o gênero humano era feito para aí permanecer sempre, que este estado é a verdadeira juventude do mundo e que todos os progressos ulteriores foram aparentemente passos para a perfeição do indivíduo e na realidade para a decrepitude da espécie” (Rousseau, 1976, p. 60).

É no âmbito dessas idéias, nas quais se recusa a comprovar suas proposições, considerando suficiente a sua aplicação para desenvolver indivíduos fortes e virtuosos, portanto distanciando-se de Demeny, que Hébert reage em relação aos médicos e sua inserção na educação, considerando-os pouco preparados para pensar os problemas e propostas para a educação do corpo (ver, por exemplo, Hébert, 1927a, p. 84-87).

Para ele, o médico pode até fazer pesquisas especulativas mais ou menos úteis, explicar fisiologicamente os efeitos dos exercícios sobre o organismo, aconselhar a prudência e precisar as precauções que devem ser tomadas com os organismos frágeis e, ainda, denunciar charlatões da cultura física que vendem aparelhos para “alargar os ossos”, nada melhor. “Mas que, por princípio, o médico não pretenda dirigir, do alto, a educação física” (Hébert, 1927b, p. 87). Sua compreensão desse problema indica que “[...] as leis do desenvolvimento corporal se descobrem fora dos laboratórios, [...] a educação física é, antes de tudo, um problema pedagógico e psicológico em primeiro lugar. Não essencialmente uma questão fisiológica [...]” (Hébert, 1927b, p. 87). Ao contrário de Demeny, (1920, 1924, 1928, 1931), Hébert não se convence pelas provas dadas com base em procedimentos científicos para expor seus argumentos. As convergências em suas obras surgem em questões mais apaixonadas, como por exemplo, a que diz respeito ao esporte. Ambos estão convencidos de que essa atividade se destina a uma elite, que causa desgaste físico e psicológico e é considerada mais nociva que benéfica, sobretudo se for praticada muito cedo.

No ano de 1927, Hébert publica o que se poderia chamar de um “manifesto” acerca desse tema, intitulado “A loucura esportiva”<sup>18</sup>. Nesse texto, de forma

---

18. La folie sportive: nous n'avons pás voulu cela! *L'Education Physique Revue*, n. 1, jan. 1927. Essa reflexão estava presente em sua obra desde seu início e bastante bem definida no livro *Le sport contre l'éducation physique*, livro que contou com quatro edições, sendo a primeira em 1925; trabalhou aqui com a quarta edição, de 1946.

apaixonada, insurge contra a invasão do esporte no âmbito da educação física e aponta os problemas dele decorrentes, enfatizando a necessidade de se fazer uma propaganda em prol da educação física e das sociedades ginásticas.

Hébert e Demeny, a parte suas diferenças de cunho mais conceitual em relação ao lugar da ciência para a construção da educação física, lograram muito êxito com o Estado francês em virtude de suas propostas, cujos pontos em comum figuram em manuais oficiais desde fins do século XIX até o princípio do século XX (Delaplace, 2000; Bui-Xuân; Gleyse, 2001). Suas vozes, suas ações surgem embaçadas e conduzidas pelos debates de seu tempo, pela compreensão, assimilação ou recusa de avanços científicos, tecnológicos e pedagógicos, assim como pelas querelas políticas e por suas histórias pessoais, elas mesmas determinantes das escolhas que fizeram. Suas obras são também fruto de disputas acadêmicas, de afirmação ou negação de escolas a serem seguidas, de tendências e concepções de educação física que ambos desejavam ver reconhecidas nas primeiras décadas do século XX.

#### DAS COISAS VISTAS POR OUTREM: EDUCAÇÃO DO CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA NA OBRA DE HÉBERT

Toda pretensão de narrar o passado, portanto, as coisas vistas, assenta, em boa medida, no que foi visto, selecionado e registrado por um outro, guardado também por esse mesmo ou, ainda, por outro. As heranças e visões particulares de Hébert constituem, portanto, um lugar da memória sobre a educação do corpo que assimila os ensinamentos de Rousseau sobre uma “natureza” formadora capaz de fazer o bom, o belo e o útil, ensinando o homem “[...] a aplicar-se aos exercícios do corpo, (a) tornar-se ágil, rápido na corrida, forte no combate” (Rousseau, 1976, p. 54).

A densidade e abrangência da obra de Hébert, produzida num outro tempo, tocam sensibilidades e problemáticas do presente. Não é o *doping* hoje um problema incontornável tanto no âmbito do esporte de auto rendimento, quanto em muitas das academias de ginástica existentes em cada esquina, num tempo de culto absoluto à aparência corporal? Não se vive hoje uma obsessiva busca por emoções que seriam encontradas (talvez) nos recônditos de uma natureza que guardaria segredos de uma grande emoção? Não é corrente ainda hoje em muitos discursos da educação física a existência de “movimentos naturais” etc.?

Hébert nos dá a senha para rebobinar a película de sua história e, ao fazê-lo, encontrar vestígios de nossas próprias desgraças, de nossa mesquinhez, de nossa ignorância em relação à educação do corpo. Permite, também, encontrar permanências que constroem as retóricas corporais de cada época com a força das idéias

que se fazem força para seguir como guias universais, permanências que pretendem apagar singularidades... Mas qual seria a tarefa da história senão a de “restituir aos indivíduos o sentido de suas histórias singulares, irreduzíveis umas às outras, a consciência das diferenças que particularizam as sociedades, os territórios, os grupos”? (Philippe Ariès, 1989, p. 17). Talvez a história da educação física registrada por Hébert nos possibilite a compreensão de singularidades e o sentido de certas permanências na educação física brasileira no presente.

### The Georges Hébert “Natural Method”: new sensibility, new body education

*ABSTRACT: This article is focused on the work of Georges Hébert. He was a French navy official, and in the first half of the 20<sup>th</sup> century, he proposed the so called “Natural Method”, which is a group of procedures oriented to work out the body. The main ideas in his proposal – such as the return to nature, the importance of the sun light and open air activities, a “controlled” nudity, and the criticism to sports specialization – are related to the body education and it touched present sensibilities.*

*KEY-WORDS: Body history; body and nature; gymnastic history; naturalism.*

### Georges Hébert y el “Método Natural”: nueva sensibilidad, nueva educación del cuerpo

*RESUMEN: Este trabajo tiene como propósito analizar la obra de Georges Hébert, oficial de la Marina Francesa que, en la primera mitad del siglo XX, elaboró un conjunto de procedimientos que llamó “Método Natural”, para ejercitar el cuerpo. Sus ideas centrales tales como el retorno a la naturaleza, la importancia del contacto con el sol y las actividades al aire libre, de la desnudez “controlada”, así como la crítica hacia la especialización deportiva constituyen un conjunto significativo de ideas sobre la educación del cuerpo, las que sutilmente tocan sensibilidades del presente.*

*PALABRAS CLAVES: Historia del cuerpo; cuerpo y naturaleza; historia de la gimnasia; naturalismo.*

## REFERÊNCIAS

AMOROS, F. y O. *Nouveau manuel d'éducation physique, gymnastique et morale*. Paris: A La Librairie Encyclopédique de Roret, 1838.

ANDRIEU, G. Méthode naturelle et beauté plastique. *Spirales*, Ufrasp, Université Lyon I, n. 9, p. 31-38, 1995.



ARIÈS P. *O tempo da história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BACON, F. *Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os pensadores)

BLOCH, M. *Introdução à história*. [S.l.]: Edições Europa América, s.d.

BUI-XUÂN, G.; GLEYSE, J. *De l'émergence de l'éducation physique*. Georges Demeny et Georges Hébert. Paris: Hatier, 2001.

CAMBIER, M. La méthode naturelle. In: LABBÉ, M. (Org.). *Traité d'éducation physique*. Paris: Gaston Doin, 1930, p. 437- 489, 2 vols.

COURBIN, A. *Território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELAPLACE, J. M. *Spirales: autour de l'homme et de l'oeuvre*. Centre de recherche et d'innovation sur le sport, Université Lyon I, n. 9, 1995.

\_\_\_\_\_. *Georges Hébert, la méthode naturelle et l'école (1905-1957)*. Thèse Doctorat en Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives, Université Lyon I (Staps), 2000, 2 t. (Sous la direction de Pierre Arnaud).

DEMENY, G. *Educações et harmonie des mouvements*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1920.

\_\_\_\_\_. *Mécanisme et éducações des mouvements*. 5. ed. Paris: Librairie Félix Alcan, 1924.

\_\_\_\_\_. *La educacion del esfurezo*. Madrid: Daniel Jorro, 1928.

\_\_\_\_\_. *Les bases scientiphiques de l'éducation physique*. 8. ed. Paris: Librairie Félix Alcan, 1931, p. 1-2.

FEBVRE, L. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

GOULDNER, A. *La crisis de la sociología occidental*. Buenos Aires: Armarrortu, 1979.

HÉBERT, G. *Le code de la force*. Paris: Vuibert, 1911.

\_\_\_\_\_. *La culture virile et lês devoirs physiques de l'officier combattant*. 2. ed. Paris: Vuibert, 1918a.

\_\_\_\_\_. *Guide abrégé du moniteur chargé de l'entraînement*. 2. ed. Paris: Vuibert, 1918b. (puis *Guide abrégé du moniteur et de la monitrice*).

\_\_\_\_\_. La folie sportive: nous n'avons pas voulu cela! *L'Education Physique Revue Scientifique et Critique*, n. 1, jan. 1927a.

\_\_\_\_\_. Médecin, haute-la: l'éducation physique de la jeunesse est avant tout une question pédagogique et non pas physiologique, encore moins médicale. *L'Education Physique Revue*, n. 2, avr. 1927b.

\_\_\_\_\_. Le problème de l'éducation physique: le néant des jeux olympiques. *L'Education Physique Revue Critique et Pédagogique*, n. 7, p. 165, 1928a.

\_\_\_\_\_. La leçon des jeux olympiques. L'erreur sportive: les "idées- mères" de ralliement et de redressement. *L'Education Physique Revue*, n. 8, p. 245, 1928b.

\_\_\_\_\_. *L'éducation physique ou l'entraînement complet par la méthode naturelle*. Exposé et resultants. 8. ed. Paris: Vuibert, 1934. (1. ed. 1012).

\_\_\_\_\_. *L'éducation physique virile et morale par la méthode naturelle*. Exposé doctrinal et principes directeurs de travail. 2. ed. Paris: Vuibert, 1941a, t.1. (1. ed. 1912).

\_\_\_\_\_. Expressões técnicas de educação física: distinção entre "esporte", "educação física" e "ginástica". *Revista Educação Physica*, v. 61, dez.1941c.

\_\_\_\_\_. Os perigos físicos do esporte: erros e preconceitos concernentes à especialização. *Educação Physica*, v. 58, p. 10-11, 61-63, 1941d.

\_\_\_\_\_. O esporte dentro da educação física. *Revista Educação Physica*, v. 62-63, jan-fev.1942.

\_\_\_\_\_. Os deveres físicos gerais do homem. *Revista Educação Physica*, v. 76, p. 27, 1943.

\_\_\_\_\_. *L'éducation physique, virile et morale par la méthode naturelle*. Technique des exercices, technologie, marche, course, saut. Paris: Vuibert, 1944, t. 2 (essa obra é constituída por 5 tomos).

\_\_\_\_\_. *Le sport contre l'éducation physique*. Paris: Vuibert, 1946, p. 54.

LANGLADE, A. ; LANGLADE, N. *Teoría general de la gimnasia*. 2. ed. Buenos Aires, 1986, p. 268-290.

LATY, D. *Histoire de la gymnastique en Europe*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, p. 263-266.

MANN, T. *Montanha mágica*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d. (1. ed. 1924).

MÉTOUDI, M.; VIGARELLO, G. La nature et l'air du temps. *Travaux et recherches en éducation physique et sports*, Insep, n. 6, 1980.

PEREIRA, C. M. *Tratado de educação física: problema pedagógico e histórico*. Lisboa: Bertrand, s.d., p. 443-486.

RAUCH, A. Les vacances et la nature revisitée (1830-1939). In: COURBIN, A. *L'avenèment des loisirs (1850-1960)*. Paris: Aubier, 1995.

ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens*. Mira-Cintra: Europa-América, 1976.

\_\_\_\_\_. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade*. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SOARES, C. *Imagens da educação no corpo*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Recebido: 6 mar. 2003

Aprovado: 15 abr. 2003

Endereço para correspondência  
Carmen Lúcia Soares  
Rua Padre Vieira, 1.080 apto. 22  
Campinas – SP  
CEP 13015-301